



Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa

A conflagração



— *Começa a nascer o Sol da Vitoria!*



PALESTRA AMENA

Pergunta-nos um curioso, a quem deram no goto as nossas considerações sobre artistas teatraes e ensaiadores, transmitindo estes áqueles os respetivos vícios, se não haverá maneira de remediar estes senões.

Não ha, não senhor. O palco d'um teatro é intangível, respeitavel, vaidoso, sacerdotal, não admitindo que de fóra se lhe toque na poeira veneranda, apesar das propriedades exquisitas que uma grande atriz lhe atribuiu. O ambiente do palco não se confunde com outro qualquer; é impenetravel a infiltrações estranhas, conserva orgulhosamente o seu bom ou o seu mau cheiro, e as pessoas que n'ele se criam e n'ele vivem preferem aquele envenenamento, que as delicia, ás rajadas de ar mais puras e higienicas. Apontem-se defeitos ao artista; não acredita; tente-se guia-lo, por criticas delicadas: ofende-se; elogio-se exageradamente: não compreende a ironia e acha que o incensador foi apenas justo.

Sabemos de uma atriz illustre, hoje fóra de cena, que em determinada peça tinha de exclamar com indignação, porque qualquer personagem apurava a paciencia da que ela representava:

—Que tal está o da rabeca!

Ora nos ensaios a referida atriz dizia sempre.

—Que tal está o da rebecca!

Posto, que alguns dicionarios tenham as duas palavras como equivalentes o autor da aludida peça preferia a primeira fórmula, talvez para evitar confusões entre o instrumento musico e certa dama de que a Biblia nos fala, e assim o fez sentir, o mais comedido possivel, á sua interprete, rogando-lhe que na noite do espetáculo dissesse *rabeca* e não *rebecca*. Pois chegou a noite do espetáculo e ela, sorrindo com malicia para o miseravel autor, que se encontrava entre bastidores, acentuou com desusada veemencia:

—Que tal está o da rebecca!

Já agora, outro caso, que, como este, pode ser testemunhado por muitas pessoas.

N'uma revista de ano, em tempos em cena no teatro da Trindade, o côro tinha de cantar, á entrada d'um rei formoso e eloquente:

Viva o rei belo e facundo.

Assim fez o côro no primeiro ensaio, mas o encenador, que estava atento e queria mostrar erudição perante os revisteiros—eram dois, os infelizes—emendou, depois de chamar burros aos coristas:

—Não é *facundo*: é *fecundo*!

D'esta vez os autores não se atreveram a corrigir. Seria inutil e arriscar-se-iam a que a emenda fôsse peor do que o soneto e a que na noite da primeira representação, os coristas dissessem *ficundo*, *focundo*—ou coisa semelhante.

J. Neutral.

O hino do Seguro

Uma companhia de seguros poz agora a concurso a letra d'um hino, oferecendo um premio de cem escudos ao



concorrente que o merecer. Aplaudindo calorosamente a idéa e não duvidando de que os cem escudos nos venham parar á mão, a dita companhia queira contar connosco no certamen, para o qual apresentamos a prova que se segue:

I

*Heroes do mar e da terra
Assegurae o futuro:
Contra os perigos da guerra
Ponde a casa no seguro.*

REFRAIN

*E' este o bom conselho
D'um maduro,
Pois que o seguro
Morreu de velho!
De velho! de velho! de velho!*

II

*Contra a terrivel granada,
Contra a fome, contra a sede,
Não ha nada, não ha nada
Como a chapa na parede.*

REFRAIN

*E' este o bom conselho,
Etc.*

III

*Quem não tem seguro amole-se
E' bem feito, está-se a vêr;
Ao contrario, tendo apolice,
Cruze os braços, deixe arder!*

REFRAIN

*E' este o bom conselho,
Etc.*

Amigos dos diabos

Uma folha noturna, que parece sympathisar com o sr. Tamagnini Barbosa, refere-se-lhe n'estes termos!... «Emquanto o sr. Egas Moniz hesita, o sr. Tamagnini Barbosa ganha terreno. O exito politico pertence muitas vezes não aos mais inteligentes, mas aos de mais audacia.»

Não se pode chamar estúpida a uma pessoa com mais clareza.

Por que a Alemanha quer a paz

Tudo o que se tem escrito sôbre as propostas austriacas e alemãs a respeito de negociações de paz, supondo que são resultados da terrivel offensiva dos aliados, obrigando os *boches* a um constante recuo, não passa de fantasia, não tem o minimo fundamento sério.

A Alemanha e a Austria estão realmente aterrissadas e o seu pedido é, na verdade, sincerissimo, não ocultando perfidia alguma.

O caso é que chegou a Berlim a noticia do banquete com que o sr. Fausto de Figueiredo mimoseou um destes dias varios convidados, no qual, ao que



narram os jornaes, figurava o seguinte menu:

*Hors d'oeuvres variés
Oeufs au beurre noir
Filets de sole Marseillaise
Noix de veau Richelieu
Petits haricots verts à la crème
Perdreux bordés sur canapé
Charlotte plombière
Bonsbons de Paris
Pâtisserie fine
Fruits divers—Café—Vins—Liqueurs
—Champagne.*

O Kaiser leu, sentiu que os cabelos se lhes arrepiavam e declarou ao seu governo:

— Já! proponham já a paz áqueles marotos, que eu julgava ter reduzido á fome. Quem come um jantar d'estes tem mantimentos para mais de dez anos!

Os melões do padre Correia



Isto não são melões, meu bom Correia, E' toucinho do ceu, arqui divino, São papos d'anho do sabor mais fino, Um poema de doce, uma epopeia!

Que talhadas, prior! Comi só meia E' desde a boca ao fundo do intestino Estou completamente sacarino, Queijada, pão de ló, maná, geleia!

O padre santo, afirma o meu amigo, E' tão frugal que não precisa bula, Jejua todo o ano; o que lhe digo

E' que essa afirmativa será nula Se lhe manda um melão; chama-lhe um figo E ha de lamber-se em pecadora gula.

A. de P.

**Lições sobre alimentação**

Algumas pessoas que se interessam pelo bem estar geral vão dar, segundo vemos, lições publicas sobre alimentação, com o fim de ensinar o nosso povo a comer com conta, peso e medida, pois, ao que parece, umas vezes comemos mais e outras vezes menos do que as nossas necessidades organicas exigem.

Um dos conferentes cedeu-nos o texto da sua primeira lição, que destina aos professores primarios. E' como segue:

«Senhores professores e senhoras professoras. Clamaes de ha muito que os vencimentos vos não chegam para a alimentação e pedis constantemente aos poderes publicos que vos valham. Partis, permiti que vos diga, d'um falso ponto de vista. Os vencimentos não vos chegam para a alimentação, porque? porque vos quereis alimentar com generos cujo preço e condimentação são superiores aos ditos vencimentos.

Egualae os dois termos da equação e ela ficará sendo uma egualdade perfeita; isto é, comei apenas aquilo que puderdes adquirir com os vossos ordenados e então vereis como estes vos chegam para vos alimentardes.

Irei mais longe: como tendes de vos



vestir e de fazer outras despesas inherentes á existencia de qualquer ser humano, não deveis gastar em generos alimenticios tudo o que ganhades, mas apenas uma pequena porção, para que vos sobre o suficiente para as restantes necessidades. E mais ainda: como o vestuario atualmente e as taes despesas vos absorverão decerto todos os vencimentos, dispensae a alimentação corporea, habituae-vos a viver do ar, comprimi o ventre, deixae-vos do luxo de comer e beber e assim nunca mais vos queixareis de que não recebeis o suficiente.

Eis o que tinha a dizer-vos, recomendando-vos ao mesmo tempo resignação e paciencia, que se não são uteis ao estomago são boas para a vista. Tenho dito».

Dactiloscopia

Final de contas era mentirosa a noticia de que os empregados publicos iam ser obrigados a adquirir bilhetes de identidade, mediante dois escudos anuaes: o governo reconsiderou que, para desgraça, lhes bastava ser... empregados publicos.

EM FOCO
O BANHEIRO

*Feliz mortal que a linda mão aperta
Das meninas mais belas d'esta praia
E as sente estremece, quando desmaia,
Ao tocar-lhes de frente, a vaga incerta!*

*Ele as ampara, a trança lhes acerta,
Ele compõe-lhes brandamente a saia,
Os colchetes tateia, não lhes cria
A cinta, ou fique a'guma coisa aberta...*

*Feliz mortal! Mas quando lhe acompanho
Com mais ciume o consciante gesto
E mais raiboso no areal assisto,*

*E' quando leva alguma sogra ao banho;
Que propicia ocasião para um funesto
Desastre, tão fatal quanto imprevisito!*

Belmiro.

Animaes apreendidos

Foram vendidos ha dias na alfandega um porco, um perú e quatro galinhas que tinham sido apreendidos a bordo d'um barco que transportava tabaco descaminhado aos direitos. O porco rendeu 122\$00 e as galinhas e o perú, ao que dizem os jornaes, 8\$00.

Sobre o porco não ousamos dizer palavra; agora sobre os galinaceos temos a notar que sendo cinco bicos nos parece que renderam uma miseria, ou então as subsistencias não estão pelo preço que se diz.

De onde, talvez um meio de resolver a respétiva crise, e seria a alfandega a adquirir os generos alimenticios e revende-los. Vê-se que ficavam em conta para o consumidor.

Torre de chifre

Nunca os teus olhos escuros
Tiveram tanto brilhar
Como raios de luar
Sobre os penedos mais duros
Que ha á beira-mar!

Como não ha-de naufragar
O bote da minha vida
Se lhe falta, minha qu'rida,
O farol do teu olhar
Na praia da despedida?

Lá vae, lá vae o baixel
Pelos ondas impetuosas
Do oceano de fel
Que podia ser mar de rosas
Junto do Cabo Espichel.

Lá vae, e nunca jamais
Tu me voltarás a ver,
Quero sósinho sofrer
Nas areias de Cascaes
Até um dia morrer!

M. SANTIAGO DORES.

Decretando

E' tal o furor de decretar que até as povoações mais ou menos dignas de ser visitadas acabam de ser classificadas em 1.ª e 2.ª classe por lei especial.

D'aqui a pouco, para se dizer que Chão de Maçãs e Freixo de Espada á Cinta são terras de pequena importancia, é preciso um decreto!

De Bocage

Ha quem estranhe que de quando em quando publiquemos versos do nosso bom colega Manuel Maria Barbosa du Bocage. E' para que se saiba o que são versos. Exemplo, o seguinte

SONETO

Quando Anália, o meu bem, que o ceu na-
mora,
Meigo sorriso d'outro ceu desprende,
Geme e o que é vida n'um gemido aprende
Peito que amor, e que a existencia ignora.

Quando Anália, o meu bem, suspira ou chora,
A doce magua doce fogo acende;
Na estancia divinal com Jove entende:
Quasi tenta implora-la o Ser que implora.

Sente um Deus como sente a natureza
Aqueila em cujos dons adorno e canto,
Aqueila que a meus versos dá grandezza:

Mas (se posso antepôr encanto a encanto)
Amo-lhe o riso, adoro-lhe a tristeza:
De Venus a chorar tal era o pranto!

ANEDOTA

Calino e a esposa vão ao teatro com um vale de duas cadeiras que lhe deu um ator dramatico amigo.

Proximo do teatro pedie-lhes esmola uma rapariga.

—A Senhora da Conceição os acompanhe, diz ela.

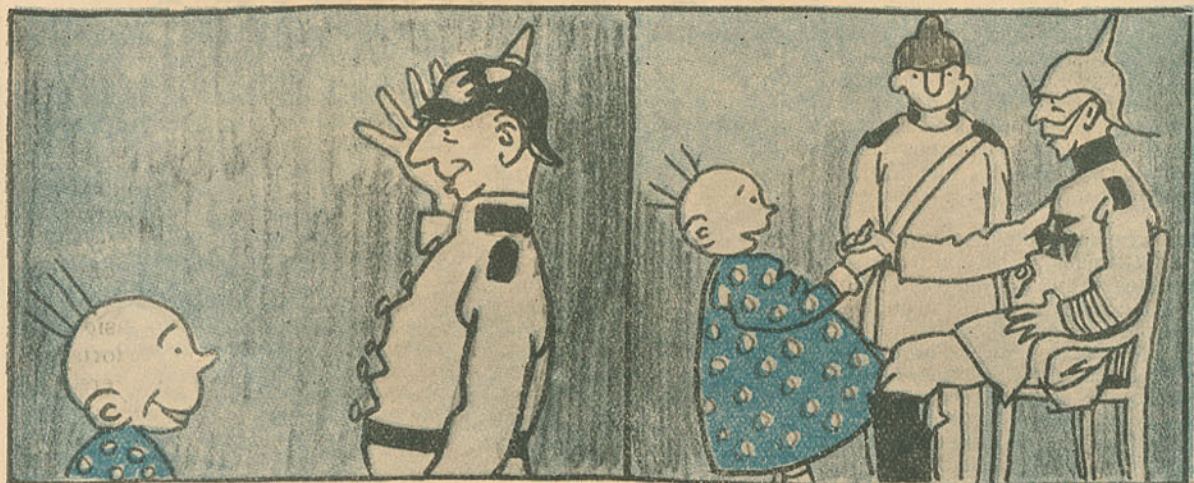
E Calino responde-lhe 'logo:

—Nao, filha, que não nos acompanhe. Só levamos duas entradas.

AS NOVAS PROEZAS DO MANECAS

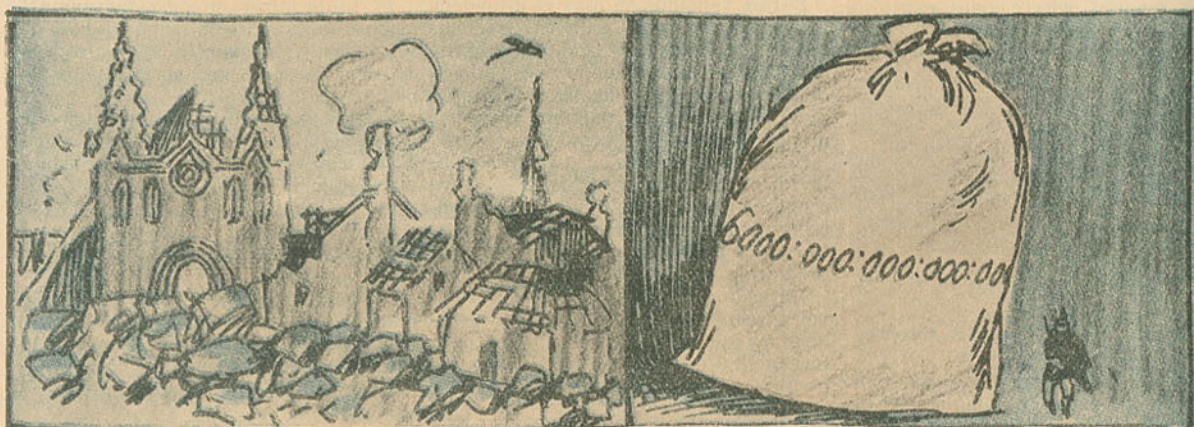
29.^a Parte — 10.^o Episodio

(Continuação)



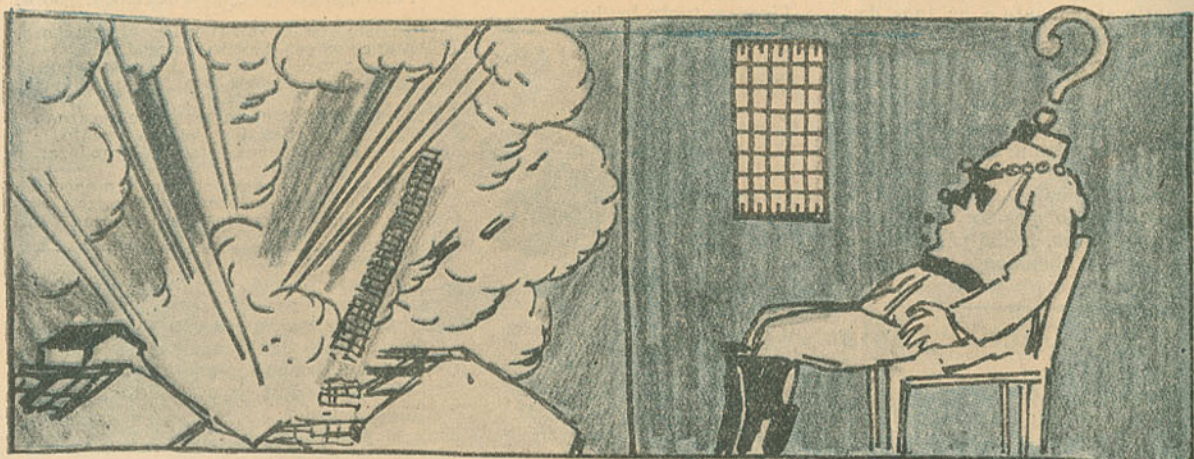
1.—Depois de encerrado na prisão, Manecas é chamado á presença do Kaiser que o saúda militarmente.

2.—Tendo sido informado das altas qualidades intelectuais do nosso heroe, o imperador convida-o a elaborar as propostas da paz.



3.—Manecas acede e começa por pedir; A reconstrução imediata da Belgica e do norte da França.

4.—Uma forte indemnisação por todos os prejuizos e selvajarias praticados.



5.—Destruição das fabricas de explosivos e munições existentes na Alemanha.

6.—Prisão e encerramento n'uma fortaleza do causador da guerra europeá.

(Continúa).